



O SUJEITO CONTEMPORÂNEO E OS CAMINHOS DA LOUCURA: O OLHAR DA PSICANÁLISE¹

Área Temática: Educação

João Jorge Correa² (Coordenador da Ação de Extensão)

Jéssica Martins de Oliveira³ (Monitora)

Modalidade: Oficina

Palavras-chave: Contemporaneidade; Loucura; Psicanálise.

Resumo: O objeto da abordagem no minicurso é o sujeito contemporâneo e sua ação e relação com o mundo em que vive. O objetivo principal é entender os efeitos do mundo atual no sujeito em contextos do trabalho, da educação, da família e do grupo de relacionamento, bem como as consequências desse mesmo mundo no outro: sofrimento, miséria, abandono, exigência de performatividade, consumo, apego e desapego. Busca-se compreender os limiões em que o sujeito vive e sobrevive e seu constante contato com a loucura, com a perda das suas referências psíquicas, daí a preocupação com o olhar sob a perspectiva da psicanálise. O minicurso consiste numa apresentação introdutória do significado do sujeito e das demandas do mundo atual e as relações que estabelece com situações limite na perspectiva psicanalítica. A metodologia baseia-se na exposição de conceitos teóricos do campo psicanalítico a fim de auxiliar a compreensão do sujeito e o mundo que o cerca, bem como do uso de músicas, poesias, vídeos e documentários de curta duração. Estimula-se o diálogo com os participantes da atividade a partir das suas próprias experiências e incursões na contemporaneidade.

¹ Oficina desenvolvida no XIII Seminário de Extensão da Universidade Estadual do Oeste do Paraná no período de 15 a 17 de maio de 2013 no Campus de Foz do Iguaçu.

² Pós-doutor, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Curso de Pedagogia, Centro de Educação e Letras, Campus de Foz do Iguaçu. Contato: joaojorgecorrea@gmail.com

³ Estudante do 4º ano de Pedagogia, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Campus de Foz do Iguaçu.

Introdução

Independentemente de concebermos o louco em sua condição doentia e em ausência de lucidez ou como uma forma de tomar conhecimento da verdade através de certo olhar para a realidade, precisamos considerar um fato concreto que é a sua exclusão social. Outro elemento a considerar é um suposto não entendimento da condição de loucura em áreas não especializadas no tratamento da questão, ou seja, tanto no campo da medicina propriamente dito, quanto na filosofia, por exemplo, não há uma convergência sequer na conceituação da loucura, quiçá a sua complexidade explicativa.

“No mundo moderno das doenças mentais, o homem não se comunica mais com o louco. (...) Entre o homem de razão e o homem de loucura não há mais linguagem comum. Se há discurso da razão sobre a loucura, não há discurso da loucura sobre a razão”. (PEREIRA, 1985, p. 48)

Os conceitos de normalidade e anormalidade estão inscritos em um determinado tipo de ordem social, e são formatados de acordo com um dado ordenamento que rotula, classifica e segrega os indivíduos que “fogem” ao regramento de uma suposta e disseminada normalidade social, ética e moral. Assim, para Pereira (1985, p. 11), “um louco é também um homem a quem a sociedade não quis ouvir e a quem quis impedir a expressão de insuportáveis verdades”.

No Dicionário de Psicanálise não encontramos uma definição propriamente dita, mas Roudinesco & Plon (1998) apontam três formas de promover uma reflexão sobre a loucura:

(...) A primeira consiste em introduzi-la no quadro nosológico construído pelo saber psiquiátrico e considerá-la uma psicose (paranoia, esquizofrenia, psicose maníaco-depressiva); a segunda visa elaborar uma antropologia de suas diferentes manifestações de acordo com as culturas (etnopsiquiatria, etnopsicanálise, sociologia, psiquiatria transcultural); a terceira, finalmente, propõe abordar a questão pelo ângulo de uma escuta transferencial da fala, do desejo ou da vivência do louco (psiquiatria dinâmica, análise existencial, fenomenologia, psicanálise, antipsiquiatria). (ROUDINESCO & PLON, 1998, p.478)

Então o que é a loucura no sujeito social moderno? Ou melhor, o que poderia afetar tão intensamente a subjetividade de um ser a ponto de interferir em seus processos mentais conduzidos pela razão e consciência de suas manifestações e ações?

Certamente os problemas sociais mais evidentes podem interferir diretamente no desequilíbrio subjetivo do sujeito a ponto de perder as suas referências. As certezas e as determinações sociais, políticas e econômicas (todas ideológicas) ocupam hoje o espaço da incerteza e da improbabilidade.

Entretanto, quem ou o quê pode nos garantir que em algum momento tivemos certezas? Para Freitas (2005, p.1), “no âmbito da ciência, o alegado fim das certezas propõe o término de algo que nunca existiu: a própria certeza”.

Assim, temos encontrado imensa dificuldade em pensar especificamente a nossa presença e atuação no mundo atual e, derivando daí, uma total incapacidade

de relacionamento com as subjetividades que nos cercam, ou seja, não somos capazes de dialogar, trocar experiências, viver práticas sociais e profissionais em conjunto.

Não conseguimos e, provavelmente, não desejamos compreender a loucura do outro, pois estamos submersos no nosso próprio desatino em relação a tudo que nos cerca. Os rótulos surgem, emergem, e termos como estresse, nervosismo crônico, síndrome do pânico, ansiedade e desespero passam a habitar o nosso imaginário individual e coletivo.

Para Marcondes Filho (2003, p.14), entendidas socialmente como “sanidade”, a esfera do consumo, do jogo político e dos meios de comunicação atuam articuladamente na produção da loucura.

A linguagem da comunicação em massa, neutralizando as misérias, as guerras, as dores, cria o véu distanciador do homem em relação ao mundo, trabalhando pela criação estereotipada de clichês de alegria e dor, joga com emoções e sentimentos do público, mas também sem consequência para sua vivência real. (MARCONDES FILHO, 2003, p.14)

Certamente, o sujeito está à mercê de condições sociais concretas que atuam fortemente no seu imaginário e, em havendo um mínimo de desequilíbrio psíquico pode sucumbir aos efeitos devastadores das suas ações coletivas intencionais ou delegadas à ação de um terceiro, como por exemplo: a relação entre conhecimento produzido socialmente, o poder inerente àqueles que dele se apropriam e o distanciamento da realização dos seus sonhos; a desintegração dos sujeitos apesar da integração generalizada no mundo moderno e a intensificação das necessidades fúteis e inúteis de consumo.

Esse quadro fortemente desagregador da estrutura psíquica do sujeito, do amortecimento da sua vontade individual, do desapego e da ausência de perspectivas, se agrava com a sua própria incapacidade de explicar o mundo que o cerca e o envolve, com a incapacidade de lidar e equacionar as novas demandas dos próprios sujeitos individuais e coletivos e, a sua evidente impotência para controlar a natureza. O somatório desse quadro e os elementos que o compõe resultam em sujeitos doentes socialmente e propensos à desequilíbrios das suas estruturas conscientes sobrecarregando de infortúnios e anseios o seu inconsciente.

O sujeito contemporâneo enlouquece porque sucumbiu à sua própria obra. Sua ação coletiva, mas individualizada pelo seu trabalho que se somava a outros trabalhos de outros sujeitos também individualizados, volta-se contra si: a fome, a miséria, a violência, o desemprego, o desemprego iminente, as doenças e o fim de tudo, a morte.

Na loucura, o homem é separado de sua verdade e exilado na presença imediata de um ambiente em que ele mesmo se perde. Quando o homem clássico perdia a verdade, é porque era rejeitado para essa existência imediata onde sua animalidade causava devastação, ao mesmo tempo em que aparecia essa decadência primitiva que o indicava como originalmente culpado. Quando se falar agora de um homem louco, será designado aquele que abandonou a terra de sua verdade imediata, e que se perdeu. (FOUCAULT, 2008, p. 377)

O que não pode acontecer é perdermos o autocontrole. Não devemos transformar a pressão do mundo que nos cerca em “um bicho de sete cabeças”. Enfim, encontramos-nos diante de um quadro caótico de mudanças e súbitas transformações em que o sujeito busca desenfreadamente a recriação de laços com outros sujeitos, almejando compreender a si mesmo para desenvolver instrumentos a fim de superar os seus sofrimentos, tanto aqueles produzidos por ele próprio, quanto àqueles produzidos pelo mundo que o cerca na relação com o outro.

Diante de certa incapacidade do sujeito contemporâneo de equacionar os problemas advindos do mundo que o cerca “ancorados uns nos outros buscamos obter algum apoio, mesmo que o outro ao qual nos ligamos esteja nas mesmas condições de desamparo que nós mesmos” (MAURANO, 2003).

Nesse sentido, a loucura contemporânea pode ser também definida pela perda das referências mais próximas que o sujeito detinha, não somente questões relacionadas à vida material, mas pelos elementos da vida não material.

Como a psicanálise pode ajudar o sujeito?

A psicanálise teria importante papel nesse processo de auxílio ao sujeito às portas de uma quase loucura que pende ora para um mundo ideal de vir a ser, ora para a realidade concreta mais cotidiana. Por isso, na opinião de Maurano (2003, p. 28), “a psicanálise veio tratar desse sujeito que cai de uma perspectiva ideal e vai ter que se haver com seus conflitos (...)”.

Enfim, e por fim, recorrendo mais uma vez a Maurano (2003, p.28), “esse é o nosso típico sujeito contemporâneo: somos nós”.

Contexto da ação

Objeto de estudo: O sujeito no mundo contemporâneo sob o olhar da psicanálise

Objetivos:

- a) Descrever e entender a complexidade da contemporaneidade.
- b) Compreender o surgimento e formatação do sujeito moderno.
- c) Analisar as demandas da realidade e o impacto no sujeito.
- d) Analisar a condição do sujeito contemporâneo sob o olhar da Psicanálise.

Detalhamento das atividades

A oficina está estruturada nas seguintes atividades:

- Introdução ao tema
- A complexidade do mundo contemporâneo
- A figura do sujeito contemporâneo
- As demandas da contemporaneidade e o enlouquecimento do sujeito
- O olhar da Psicanálise

A metodologia baseia-se na exposição dialogada de conceitos teóricos com recursos de áudios e imagens, tais como documentários, vídeos de curta duração, músicas e poesias, dentre outros disponíveis.

Análise e discussão

Espera-se contribuir com uma reflexão mais incisiva acerca da presença do sujeito no mundo atual e a forma como lida com essa realidade em seu relacionamento consigo mesmo e com o outro que o cerca.

Neste sentido, os conteúdos psicanalíticos contribuem na compreensão do papel das instâncias psíquicas na organização da relação do consciente com o inconsciente, diante das demandas do real.

Conclusões e considerações finais

Inserir uma forma “diferente” de olhar para o real e os sujeitos nele envolvidos talvez seja o desafio da proposta do minicurso ora apresentado. Tema tratado sob vários olhares, mas que em última instância demandam uma reflexão mais profunda e “perturbadora” das formas como o sujeito atua no contexto social, e como reage consigo mesmo e com o outro.

Referências

FREITAS, Luiz Carlos. **Uma pós-modernidade de libertação**: reconstruindo as esperanças. Campinas: Autores Associados, 2005.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A produção social da loucura**. São Paulo: Paullus 2003.

FOUCAULT, Michel. **A história da loucura na idade clássica**. 8ª ed. 2ª reimp. São Paulo: Perspectiva, 2008.

MAURANO, Denise. **Para que serve a psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

PEREIRA, João Frayze. **O que é loucura**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

Forma de contato: joaojorgecorrea@gmail.com